

**Lucio Costa, o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte
e a atualidade de seu pensamento e ação**

Anna Paula Canez

Arquiteta, FARQ UFRGS 1989, Doutora PROPAR/ UFRGS 2006

Professora Titular FAU UniRitter – Pesquisadora e Coordenadora de Pesquisa FAU UniRitter
Rua Dr. Pio Ângelo 45, Porto Alegre/RS, CEP. 91760300, fone/fax (51) 32467869 (51) 98280411

e-mail: acanez@terra.com.br

Marcos Leite Almeida

Arquiteto, FARQ UFRGS 1998, Mestre PROPAR/ UFRGS 2004

Professor Titular FAU UniRitter, Pesquisador FAU UniRitter

e-mail: malmeida@pobox.com.br

Lucio Costa, o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte e a atualidade de seu pensamento e ação

Compreender o posicionamento de Lucio Costa como participante do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, ocorrido em 1959, refletir a respeito de suas manifestações, e avaliar a atualidade de seu pensamento e ação é o objetivo da comunicação. Os textos por ele produzidos remetiam a uma pedagogia da arte, uma vez que afirmava ser necessário “intensificar no público a inteligência do fenômeno artístico, quer se tenha em vista as classes já favorecidas pela cultura, quer se trate das massas a caminho de a alcançar”, agora beneficiadas pela produção em escala industrial. Já em 1952, no Congresso Internacional de Artistas em Veneza, quando apresentou o texto “O Arquiteto e a Sociedade Contemporânea”, ele defendia a integração das artes ao conjunto da composição arquitetural, desde que cada uma preservasse sua identidade. Pode a integração das artes e o intensificar do conhecimento do fenômeno artístico servir ao enfrentamento da crise artística instalada na atualidade? Que outros ensinamentos, daquele que é mentor intelectual da arquitetura moderna brasileira, servem-nos, hoje, como alternativa ao “vale tudo” das artes e, especialmente, da arquitetura brasileira?

Palavras-chave: Lucio Costa, arquitetura, arte.

Lucio Costa, the International Extraordinary Congress of Art Critics and the present state of his thought and action

This paper aims at understanding Lucio Costa's positioning at the 1959 International Extraordinary Congress of Art Critics, at reflecting on his manifestations, and at evaluating the present state of his thought and action. Costa's writings referred to an art pedagogy, since he affirmed it was necessary “to increase the public's intelligence of the artistic phenomenon, whether aiming at the classes already favored by culture or the masses on the way to reach it”, now favored by industrial scale production. Back in 1952, at the International Congress of Artists in Venice, when Costa presented his text “The Architect and Contemporary Society”, he defended the integration of arts to the whole of architectural composition, as long as each one preserved its identity. Can the integration of arts and the increase of the artistic phenomenon knowledge help to face the current artistic crisis? What other teachings of the intellectual mentor of modern Brazilian architecture can help us today as an alternative to the “anything goes” in arts and, especially, in Brazilian architecture?

Keywords: Lucio Costa, architecture, art

Lucio Costa, o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte e a atualidade de seu pensamento e ação

Lucio Costa participou do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte?

Passado o envio do resumo para o Seminário Docomomo, e com a elaboração do trabalho completo aqui apresentado, deparamo-nos com algo que não é infreqüente de acontecer no curso de uma pesquisa e seu arremate. Referimo-nos às imprecisões contidas nas fontes consultadas e disponíveis, e as que vamos descobrindo ao procurar esclarecer um determinado aspecto de nosso interesse, somado às dificuldades costumeiras de acesso às fontes primárias de pesquisa. Deste modo, aconteceu, em relação ao pretendido na comunicação desenvolvida aqui, fortemente relacionada às idéias apresentadas por Lucio Costa no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte com o tema "A cidade nova - Síntese das artes", realizado de 17 a 25 de setembro de 1959, entre Brasília, naquele período em obras (de 17 a 19), São Paulo (de 20 a 22) e Rio de Janeiro (de 23 a 25) e a atualidade de seu pensamento e ação.

Foi necessário, esclarecer tais imprecisões, antes mesmo do desenvolvimento do trabalho propriamente dito, pois constituiria uma lacuna ir adiante sem fazê-lo, pois justamente diziam respeito à confirmação, ou não, da participação de Lucio Costa no evento e de que forma ocorreu, ou não, esta participação. Decidimos, considerando a importância dos esclarecimentos para o desenvolvimento do trabalho, apresentá-los a seguir, assim o fazemos em relação ao seu desenlace.

A primeira fonte pesquisada, que impulsionou o resumo inicialmente preparado para o Seminário Docomomo, foi a resenha e a análise dos textos de Lucio Costa e outros participantes do CICA, constantes no Relatório do referido Congresso, trabalho realizado por Angélica Madeira e Cecília Mori. As autoras, já no início do artigo, tratam de esclarecer

Como parte da exploração dos arquivos sobre os primeiros anos da formação do campo das artes em Brasília, tivemos acesso a um documento inédito, fonte primária de pesquisa que é o Relatório do Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte, ocorrido em São Paulo, Rio e Brasília, de 17 a 25 de setembro de 1959, ano anterior à inauguração da capital¹.

O trabalho segue resenhando e analisando várias das teses apresentadas, ao que tudo indica conforme a preferência das autoras. Centramos nosso interesse principalmente no que comentam e citam a respeito do texto de Lucio Costa apresentado no CICA.

¹ MADEIRA, Angélica; MORI, Cecília. Nota de Pesquisa: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE. Nota de Pesquisa 1. A itinerância dos artistas. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/angelica/criticosarte.pdf>. Acesso em: mai. 2009.

Do Brasil, além das presenças prestigiosas de Mário Pedrosa, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, respectivamente, o crítico, o arquiteto e o urbanista mais consagrados daquele momento, participaram professores, historiadores e críticos de arte que tiveram um papel significativo na década de 1950 e para além dela: Mário Barata, Flávio de Aquino, Carlos Cavalcanti, Ferreira Gullar, Fayga Ostrower, Flexa Ribeiro, dentre outros. Alguns mais lacônicos, outros mais extensos, os artigos tratam todos de problemas relacionados à arquitetura e ao urbanismo, alguns de forma mais técnica, outros mais poéticos, cada qual fala do tema de sua eleição, interpretando a seu modo, e livremente, o título-chamada para o Encontro. Arte-educação é o tema de Fayga Ostrower, Augusto Rodrigues e de Lúcio Costa².

O senão está justamente em não estar explícita a fonte primária, com seus dados completos, na bibliografia, uma consideração que impulsionaria futuros desdobramentos, caminho natural da pesquisa, e mesmo o fato de não constar, inclusive, onde se ter acesso ao referido Relatório.



Fig. 1 – Presidente Juscelino Kubitscheck, Mário Barata, Israel Pinheiro e Oscar Niemeyer, na instalação do Congresso de Críticos de Arte. Fonte: Brasília, ano 3, n. 33, set. 1959. Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – Novacap.



Fig. 2 – Críticos de arte de todas as partes do mundo desembarcaram no aeroporto de Brasília. Fonte: Brasília, ano 3, n. 33, set. 1959. Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – Novacap.

² MADEIRA, Angélica; MORI, Cecília. Nota de Pesquisa: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE. Nota de Pesquisa 1. A itinerância dos artistas. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/angelica/criticosarte.pdf>. Acesso em: mai. 2009.



Fig. 3 - Congressistas visitam as obras de Brasília. Fonte: Brasília, ano 3, n. 33, set. 1959. Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – Novacap.

A partir da confirmação da existência da fonte primária de pesquisa mais importante do CICA e ainda tomando por base a inegável importância do evento realizado em 1959, chamou-nos a atenção que o Relatório onde devem constar todos os trabalhos apresentados, e provavelmente os demais assuntos importantes relacionados ao evento, não esteja, até hoje, cinquenta anos depois, francamente disponibilizado. Só nos restava sair à busca. Mas onde? Encontramos pistas do Relatório em outro artigo, publicado na revista Novos Estudos do CEBRAP, cujo autor em nota acrescenta:

Cf. Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica). Anais do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, 1959, mimeo, transcrição por Mary Pedrosa (há um exemplar desse documento na biblioteca da Fundação Bienal de São Paulo). A presença documentada de Niemeyer se restringiu à sessão inaugural, e não há qualquer registro da presença de Lúcio Costa³.

Tal afirmativa deixou-nos apreensivos quanto aos rumos da investigação porque, contradizendo aquela contida no primeiro trabalho consultado, neste claramente o autor que aparentemente examinou a mesma fonte primária de pesquisa escreveu: “[...] não há qualquer registro da presença de Lucio Costa”, por outro lado, disponibilizou o local onde poderia ser consultado o Relatório do Congresso. A informação poderia ter inicialmente resolvido a questão, não fosse pelo fato de que, ao fazermos a consulta na Fundação Bienal de São Paulo, constatarmos que o exemplar não se encontrava na biblioteca referida. Segundo a bibliotecária que nos atendeu, o mencionado Relatório não faz e não fez parte do acervo da biblioteca. A respeito do assunto constam, isto sim, no acervo da Fundação, vários recortes de jornais da época.

Localizamos, ainda, e consultamos a pesquisadora Angélica Madeira, que nos respondeu prontamente:

Possuo o texto escrito por Lucio, incluído nos anais do Congresso. Como o Congresso ocorreu no Rio, São Paulo e Brasília, não saberia dizer se a comunicação foi falada por Lucio aqui ou em outra cidade, embora tudo leve a crer que o urbanista tenha acompanhado a comissão liderada e organizada por Mário Pedrosa. Posso enviar-lhe uma cópia do texto do Lucio, assim que voltar para Brasília (estou no Rio), se me mandar um endereço. Posso

³ FACCIOLI GABRIEL, Marcos. SCHAPIRO, Meyer. A síntese das artes na cidade nova. **Novos Estudos CEBRAP**, n.70, p.155-175, nov.2004. Disponível em: http://www.cebrap.org/imagens/Arquivos/a_sintese_das-artes.pdf Acesso em: mai 2009.

também tentar obter a informação sobre a participação de Lucio de maneira mais segura, pois conheço o filho de um arquiteto que participou do mesmo Congresso.

Para tentar resolver o assunto, pois até então não havíamos ainda recebido o relatório e, além disso, não sabíamos se, afinal, ou de que forma, Lucio Costa havia participado do evento e, obviamente, na tentativa de encurtar caminhos, iniciamos por consultar os estudiosos mais experientes. Primeiramente, consultamos a arquiteta Maria Elisa Costa, responsável pela guarda e catalogação de boa parte do precioso acervo de seu pai. Ela nos respondeu que provavelmente Lucio Costa não participou do evento, mas o que poderia afirmar com certeza é que ele escreveu o pequeno texto intitulado “Saudações aos críticos de arte”, publicado no livro “Registro de uma vivência”, que nunca chegou a ser enviado para o Congresso.

No texto preparado para a abertura do evento, o tom geral é político, Lucio Costa insere a Capital por ele projetada, e ainda em obras, neste campo. É clara a sua intenção de esclarecer e apontar que Brasília não poderia ser desvinculada do momento histórico, sendo mesmo a representação concreta deste, era a “chave de uma abóbada” do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, sua meta síntese. Lucio Costa reconhece o momento e defende o estadista,

[...] há momentos na ascensão econômica dos povos subdesenvolvidos – como este que o Brasil atravessa – quando é preciso aceitar novamente o desafio das circunstâncias conferindo sentido atual ao brado histórico de 1822, - ‘industrialização ou morte!’ Industrializar-se ainda que o preço seja a inflação, ainda que imponha emitir, a fim de vencer a encosta e alcançar a almejada estabilidade noutro plano, com maior produção, mais riqueza, maior poder de compra. A alternativa seria a pobreza sem esperança e a estagnação⁴.

As considerações sobre a cidade, que realmente lhe competiam, são poucas, curtas e precisas. A sua natureza rodoviária e urbana e a escala digna do país e de sua ambição, que apesar de monumental, reservaria os momentos de grandeza mais humana. A respeito da solução adotada revela:

[...] me comove particularmente o partido adotado de localizar a sede dos três poderes fundamentais não no centro do núcleo urbano mas na sua extremidade, sobre um terraplano triangular como palma de mão que se abrisse além do braço estendido da esplanada, onde se alinham os ministérios, porque assim sobrelevados e tratados com dignidade e apuro arquitetônicos em contraste com a natureza agreste circunvizinha, eles se oferecem simbolicamente ao povo: votai que o poder é vosso⁵.

No final o tom é de esperança e orgulho, bem ao sabor do lema oficial “crescer cinqüenta anos em cinco”: “Discuti, discordai à vontade. Sois críticos, a insatisfação é o vosso clima. Mas de uma coisa estou certo – e vossa presença aqui é testemunho disto – com Brasília se comprova o que

⁴ COSTA, Lucio. Saudação aos críticos de arte. In: COSTA, Lucio. **Lucio Costa**: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 298.

⁵Idem.

vem ocorrendo em vários setores das nossas atividades; já não exportamos apenas café, açúcar, cacau – damos também um pouco de comer à cultura universal⁶”.

O mesmo texto foi, muito mais tarde, resgatado quando da feitura de “Registro de uma vivência” e, então, publicado. Maria Elisa também manifestou ser provável que a participação do pai teria se resumido ao acompanhamento das personalidades de várias partes do mundo que compareceram para prestigiar o evento. Ela mesma participou deste modo e recorda, especialmente, quando percorreu com Charlotte Perriand o canteiro de obras de Brasília.

Hugo Segawa foi mais pragmático: “para saldar a questão é preciso consultar os anais do Congresso e, pelo que sei, Aracy do Amaral possui uma cópia. Eu mesmo vi o volume anos atrás, mas não saberia dizer se nele consta o texto de Lucio Costa”.

Até aí, para esgotar a consulta aos amigos mais experientes, de Carlos Comas e Marcos Almeida, já havíamos consultado o artigo “Brasília Quadragenária: a paixão de uma monumentalidade nova”, no qual a seguinte passagem é enfática em relação ao assunto “[...] Lucio não comparece⁷”.

Considerando que o assunto ainda estava nebuloso, sondamos, em seguida, o arquiteto Alberto Xavier, pesquisador que dedicou boa parte de seus esforços reunindo os importantes escritos de Costa no livro que organizou, publicado em 1962 e reeditado em 2007, intitulado “Lúcio Costa: sobre arquitetura”. Alberto, como é próprio de sua natureza, foi mobilizado pelo assunto e não descansou até ver a questão solucionada. Primeiramente respondeu: “Se as grandes dúvidas fossem desse teor, o mundo seria outro ... A saudação dele aos participantes do CICA está na página 298 do livro ‘Lucio Costa: registro de uma vivência’. Acho que a participação dele limitou-se a esta intervenção.”

Passada uma semana, Alberto continuou, com muita graça:

Eureka!

Acho que decifrei a charada da tese do LC no Congresso de Críticos de Arte – “Cidade Nova – Síntese das Artes”!

A revista Habitat n° 57 (nov-dez. 1959) e n° 58 (jan-fev. 1960) publicou as teses do Congresso, inclusive com reprodução da capa. A tese do LC não é original. Ele simplesmente reapresentou o texto “A arte e a Educação” que está na página 298 de nosso “Sobre”. São reproduzidas cerca de 25 teses, na maioria de estrangeiros.

⁶ COSTA, Lucio. Saudação aos críticos de arte. In: COSTA, Lucio. **Lucio Costa**: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 299.

⁷ COMAS, Carlos Eduardo Dias; ALMEIDA, Marcos. Brasília quadragenária: a paixão de uma monumentalidade nova. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 9, 2006, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: 2006.

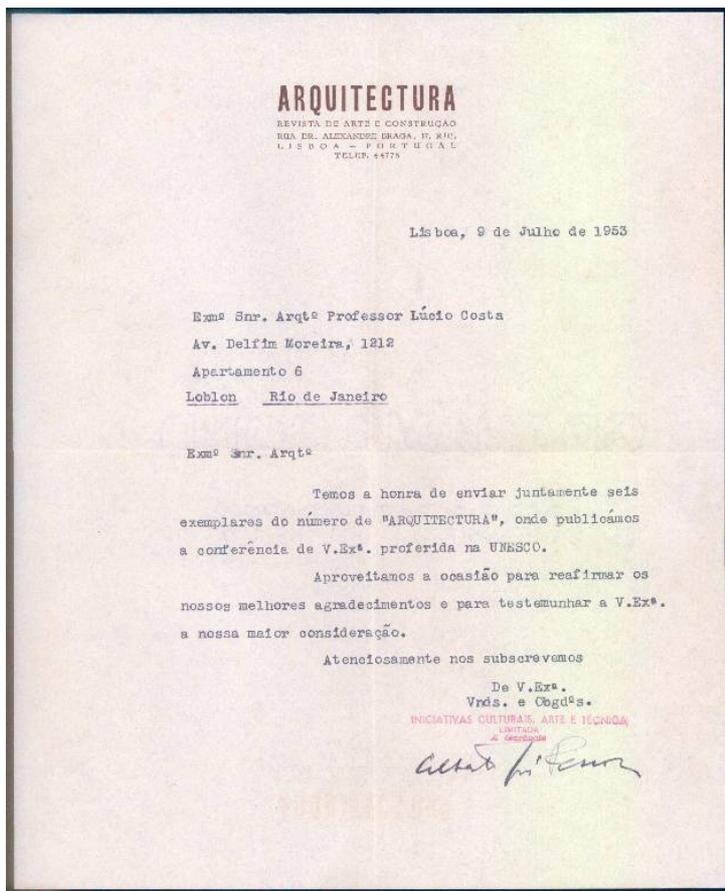


Fig. 4 - Carta de 09 de julho de 1953 informando que a conferência proferida em setembro de 1952 na UNESCO (I Congresso Internacional dos Artistas) por Lucio Costa foi publicada em 1953 na revista *Arquitectura*, editada em Lisboa. A conferência intitulava-se "A crise da arte contemporânea".

A partir da indicação de Alberto Xavier, consultamos o material a respeito do CICA publicado nos dois números da revista *Habitat - Arquitetura e Artes no Brasil* e, finalmente, o assunto tomou um rumo mais preciso. O problema parecia ter chegado ao fim. Constam nos dois números do periódico, no dizer de seus responsáveis "[...] um levantamento, que é uma contribuição a mais, tanto codificadora como antecipadora dos anais de uma reunião que, para uma publicação como a nossa, se torna, efetivamente de magno significado⁸".

⁸ CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte: A cidade nova síntese das artes. *Habitat – Arquitetura e Artes no Brasil*, São Paulo, n. 57, nov./dez. 1959. p. 2

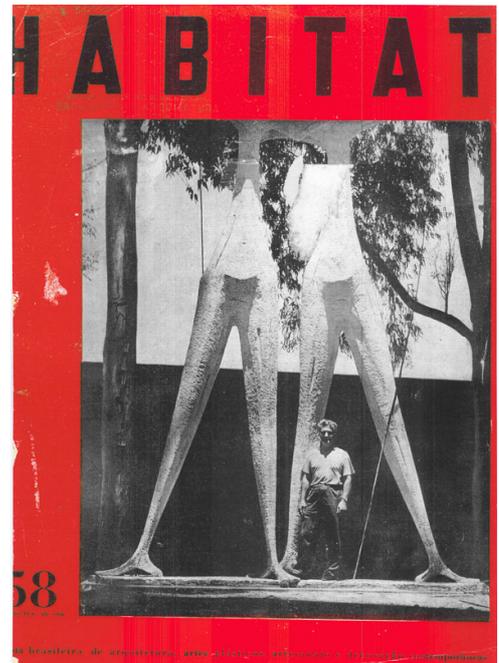
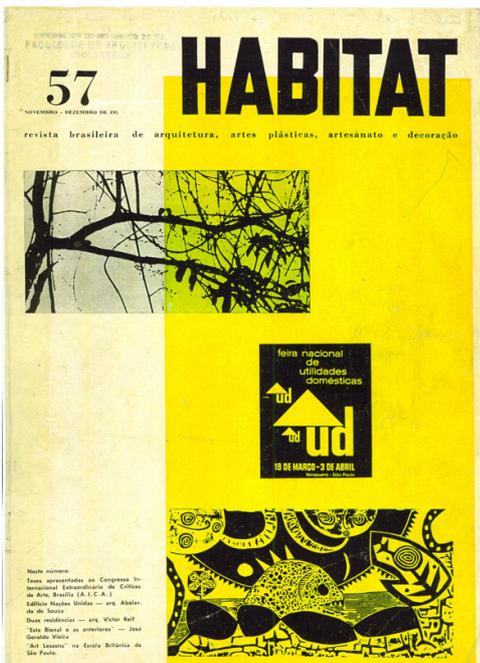


Fig. 5 - Capa da Revista Habitat, n. 57 de nov./ dez. de 1959 onde foram publicadas as teses enviadas e apresentadas no Congresso Extraordinário de Críticos de Arte.

Fig. 6 - Capa da Revista Habitat, n. 58 de nov./ dez. de 1959 onde foram publicadas as teses enviadas e apresentadas no Congresso Extraordinário de Críticos de Arte.

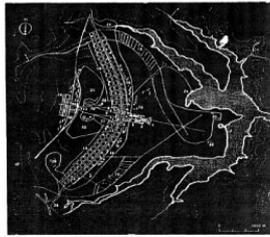
Na revista de número 57, editada nos meses de novembro e dezembro de 1959, estão listadas as oito sessões realizadas no Congresso com os nomes dos quatro relatores e do presidente de cada uma das sessões designadas: a cidade nova, urbanística, técnica e expressividade, da arquitetura, das artes plásticas, das artes industriais, a educação artística e situação das artes na idade moderna. Entre todos os presidentes e relatores citados, que compuseram as diversas sessões, não consta o nome de Lucio Costa. A respeito, Mário Pedrosa esclarece,

Nesse sentido se pode dizer que a segunda sessão, dedicada ao urbanismo, foi a que colocou todos os problemas, desenvolvidos e debatidos posteriormente ao longo das sucessivas sessões. Na ausência de Lúcio Costa, Sir William Holford foi nela o relator principal. Fê-lo com aquela precisão e sobriedade que já o qualificaram quando, no júri de seleção dos projetos de planos apresentados para a nova Capital, deu os motivos para a preferência do projeto de Lúcio Costa⁹.

⁹ AMARAL, Aracy A. (Org.). **Mário Pedrosa**: dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 368. (Coleção Debates 170)

1.ª Sessão — A CIDADE NOVA

- PRESIDENTE:** J. J. Sweeney
- RELATORES:** Mário Pedrosa — Introdução ao tema Inaugural. A cidade nova obra de arte.
M. A. Murano — Confronto com o passado.
W. Hoffmud — O espaço urbanístico e arquitetônico de Brasília.



2.ª Sessão — URBANÍSTICA

- PRESIDENTE:** J. Szirzynski
- RELATORES:** A. Saarinen — Condicionamento sociológico e tecnológico dinâmico.
Bruno Zevi — Da dinâmica das estruturas urbanísticas.
A. Aalto — A ambiência vital: o homem na cidade e em casa.
R. Neutra — Dos aspectos formais não visuais do plano da cidade e seu contexto urbanístico.

3.ª Sessão — TÉCNICA E EXPRESSIVIDADE

- PRESIDENTE:** F. Le Vyvams
- RELATORES:** F. Le Vyvams — Aplicação da pesquisa operacional dos fenômenos urbanísticos e arquitetônicos.
Jean Prouvé — Relações entre o arquiteto e o engenheiro.
J. Pizetti — As novas estruturas mecânicas da arquitetura.
J. Corbusier — Da técnica e de expressão em arquitetura.

4.ª Sessão — DA ARQUITETURA

- PRESIDENTE:** Raymond Lopez
- RELATORES:** W. Hoffmann — As artes maiores na cidade.
S. Giedion — A distribuição dos monumentos arquitetônicos no espaço urbanístico.
Giulio Argan — Tradição e materiais antigos na arquitetura moderna.
R. Delévy — Crítica de arte na arquitetura.

5.ª Sessão — DAS ARTES PLÁSTICAS

- PRESIDENTE:** H. L. C. Jaffé
- RELATORES:** André Bloc — Integração das artes na cidade.
Raymond Lopez — É a arquitetura a arte maior na cidade?
Meyer Schapiro — A pintura e a escultura no contexto urbanístico e arquitetônico.
Georg Schmidt — Crise nas artes individuais?

6.ª Sessão — DAS ARTES INDUSTRIAIS

- PRESIDENTE:** Sérgio Milliet
- RELATORES:** Gillo Dorfles — As artes industriais na Cidade Nova.
Oth. Achen — A cidade nova e o seu grafado de sinalização.
Piero Dorazio — A cidade elemento de integração visual no espaço urbanístico.
Mário Barata — Diferença de conceito e função entre artes industriais e artesanato na Cidade moderna.

7.ª Sessão — A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

- PRESIDENTE:** S. Kemal Yetkin
- RELATORES:** Tomás Maldonado — A educação artística e as novas perspectivas científicas e pedagógicas.
W. Sandberg — O valor educativo das artes, artes culturais e públicas, feiras, coleções, museus, exposições, coletivas, feiras internacionais, feiras populares etc.
A. Sanjoris — O valor educativo da arquitetura e das artes individuais.
H. Read — O valor educativo das artes.

8.ª Sessão — SITUAÇÃO DAS ARTES NA IDADE MODERNA

- PRESIDENTE:** A. Chavali
- Discussão:** — Tem a arte uma missão na civilização que se abre?
G. Argan — Meyer Schapiro
J. Romero Brasil — Jean Leymarie
G. Schmidt — Mário Pedrosa

Fig. 7 — As oito sessões apresentadas no CICA, com seus presidentes e relatores. Fonte: CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte — A cidade nova síntese das artes. **Habitat** — Arquitetura e Artes no Brasil, n. 57, São Paulo, nov./dez. 1959. p. 3.

Relação de delegados, observadores e demais participantes do Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA)	FRANÇA	UNIÃO PAN-AMERICANA
ALEMANHA Gert Schäff, Crítico de Arte; Prof. H. Aicher, Diretor da Escola de Altos Estudos de Furtwa — Ulm; Tomás Maldonado, Presidente do Conselho Reitoral da Escola de Altos Estudos de Furtwa — Ulm; Werner Hoffmann, Crítico de Arte; Will Grahsmann, Professor de História da Arte da Academia de Belas-Artes, Presidente da Seção Alemã da AICA.	André Chérel, Professor da Sorbonne, Crítico da Arte do Jornal "Le Monde"; Sra. Charlotte Perrotand, Arquiteta; L. Le Vyvams, Presidente da Associação dos Escritores Críticos de Arte; Sra. Françoise Choay, Secretária-geral; Jeanne Lantier, Secretária-geral; Jean Claude Lambert, Jean Leymarie, Professor de História da Arte das Universidades de Genebra e de Lausanne; Jean Prouvé, Arquiteto; Raymond Lopez, Arquiteto — Diretor do Serviço de Remodelação Arquitetônica de Paris; Sra. Gillo Dorfles, Secretária-geral da AICA.	João Gomes Steer, Diretor da Seção das Artes Visuais da União Pan-Americana (OEA).
ARGENTINA Amalinda Williams, Arquiteta; Jorge Romero Brest, Diretor do Museu Nacional de Belas-Artes; Jillia Palés, Crítico de Arte.	JAPÃO A. Imasumi, Diretor do M. A. M. de Tóquio.	CEILÃO Ranjit Fernando.
AUSTRIA Fritz Novotny, Vice-Presidente da Seção Austriaca da AICA; Viktor J. J. Mauer, Membro da AICA — Diretor da Galeria de Arte S. Estévia.	MÉXICO Horacio Sanchez Flores, Professor da Universidade do México; J. J. Crespo de la Sierra, Presidente da Seção Mexicana da AICA; Miguel Salas Amador, Diretor de Artes Plásticas do Instituto de Belas-Artes do México.	HOLANDA A. M. Hamacher, Diretor do Museu Kröller-Müller, Otterlo; Guy de Clercq, H. L. C. Jaffé, Conservador-adjunto do Museu Municipal, Amsterdã; Presidente da Seção Holandesa da AICA, W. Sandberg, Diretor do Museu Municipal de Amsterdã.
BELGICA Emmet Galdarabaldi, Diretor da Revista "Quadrant"; Robert L. Delévy, Mestre da Conferência da Escola Nacional de Arquitetura e Artes Decorativas de Bruxelas.	PARTE DA SUÍÇA Jules Szirzynski, Diretor do Instituto Nacional de Arte, Varsóvia; Professor de História da Arte da Universidade de Varsóvia.	HUNGRIA Albino Sartori, Professor de Arquitetura e de História da Arte da Universidade de Lausanne; B. Alföldi, Bruna Zevi, Professor de História da Arquitetura do Instituto Superior de Arquitetura da Universidade de Veneza; Dietrich Dreyfus, Diretor da Revista "Architettura"; Gillo Dorfles, Professor de Estética da Universidade de Birminghams; Giulio Carlo Argan, Professor de História da Arte da Universidade de Palermo; Professor da Seção Italiana da AICA: J. Pizetti, Professor da Escola de Ulm; Professor da Universidade de Turim: Michel Angelo Mazzoni, Inspetor Geral de Belas-Artes de Veneza; Umberto Caragagnolo, Diretor da "Società Europea de Culture".
CHILE Amalinda Romero, Presidente da Seção da AICA; José Enrique Bello, Diretor da Revista de Arte da Universidade de Chile, Santiago; Vicen Carvalho Herrera, Membro da Aica.	PORTUGAL José Augusto França.	ÍNDIA Haim Gupta, Presidente da Seção Indiana da AICA.
COLÔMBIA Clemente Airo, Presidente da Seção Colombiana da AICA.	RUSSIA Mina Gidlovsk-Welcker, Crítico de Arte; Walter Kern, Vice-Presidente da Seção Suíça da AICA; Georg Schmidt, Diretor do Museu de Belas-Artes, Basileia.	ITALIA Alberto Sartori, Professor de Arquitetura e de História da Arte da Universidade de Lausanne; B. Alföldi, Bruna Zevi, Professor de História da Arquitetura do Instituto Superior de Arquitetura da Universidade de Veneza; Dietrich Dreyfus, Diretor da Revista "Architettura"; Gillo Dorfles, Professor de Estética da Universidade de Birminghams; Giulio Carlo Argan, Professor de História da Arte da Universidade de Palermo; Professor da Seção Italiana da AICA: J. Pizetti, Professor da Escola de Ulm; Professor da Universidade de Turim: Michel Angelo Mazzoni, Inspetor Geral de Belas-Artes de Veneza; Umberto Caragagnolo, Diretor da "Società Europea de Culture".
ESTADOS UNIDOS Aaro Saarinen, Arquiteto; Alexandre Calder, Sra. Ailo Saarinen, Crítico de Arte; Anthony Boner, Diretor da "Art in America", N. York; Douglas Haskell e Sra., Diretor da Revista "Forum", Califórnia; John O. Enwez, Arquiteto; Leslie Potter (Leslie Judd Alhander), Seção de Artes Plásticas do "Washington Post"; Meyer Schapiro, Universidade de Colúmbia, Departamento de Belas-Artes, N. York; Richard J. Neutra, Arquiteto; Stamos Papadakis, Arquiteto.	URUGUAI Fernando Garcia Esteban, Revista "Marcha", Montevideo; José Pedro Argüel e Sra., Presidente da Seção da AICA.	BRASIL Amaro Machado, Amália Berto, Brian Patrick Brown, Carlos Elera Ribeiro, Carlos Cavalcanti, Celso Kelly, Cláudio Alcaram, Dom Clemente Nogue, Edgar Graf, Edson de Rouseff de Melo, Fagundes Oiticava, Ferreira Gullar, Flávio de Aquino, Flávio Leão, A. da Silveira, Francisco de Assis Machado, J. Amélia Sales, Jaime Martins, Joaquim Cardoso, José Geraldo Vieira, José Roberto Teixeira Leite, José Simeão Leal, José Valdeiros, Lúcia Levi, Lourival Gomes Machado, Luiz Costa, Maria Barreto, Maria Eugênia Franco, Maria Barata, Maria Pedrosa, Maria Schmalzer, Oscar Niemeyer, Paulo Emilio Salles Gomes, Quirino Campofiorito, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Milliet, Sílvio Vasconcelos, Tatiana Bezerra Barata, Téo Spanudis, Vera Pacheco Jardim, Valdemar Cordeiro, Vladimir Abrão de Sousa.
REPUBLICA CHECA Jules Szirzynski, Diretor do Instituto Nacional de Arte, Varsóvia; Professor de História da Arte da Universidade de Varsóvia.	TCHECOSLOVÁQUIA Miroslav Misko, Professor da Faculdade Pedagógica, Praga, Presidente da Seção Tchequês da AICA.	ARGENTINA Amalinda Williams, Arquiteta; Jorge Romero Brest, Diretor do Museu Nacional de Belas-Artes; Jillia Palés, Crítico de Arte.

Fig. 8 - Relação de "delegados, observadores e demais participantes do Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Fonte: CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte — A cidade nova síntese das artes. **Habitat** — Arquitetura e Artes no Brasil, n. 57, São Paulo, nov./dez. 1959. p. 4

Na próxima página da revista, é publicada a “Relação de delegados, observadores e demais participantes do Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA)¹⁰”, a qual está organizada por países; nela constam inúmeros outros nomes e, aí sim, na relação do Brasil, comparece o nome do Lucio Costa, assim como o de Oscar Niemeyer.

Em seguida, neste número da revista, e no próximo, estão transcritas muitas das teses relatadas, mas não todas, se a compararmos com a programação do Congresso, subdividida nas oito sessões (conforme a fig. 7). Constam, ainda, algumas teses não relatadas, ou seja, não apresentadas oralmente por seus autores, como é o caso da tese de Lucio Costa, intitulada “Arte e Educação”, assim como outras, de Theon Spanudis, Pedro Manuel, Fayga Ostrower e Jorge Crespo de La Serna. Ao todos são publicadas as teses de Otl H. Aicher, Giulio Pizzetti, Theon Spanudis, Pedro Manuel, Lucio Costa, Mário Barata, Fayga Ostrower, Werner Haftman, Herbert Read, Mário Pedrosa, Michelangelo Muraro, William Holford, Bruno Zevi, Jean Prouvé, Le Lyonnais, Richard J. Neutra, Jorge Crespo de la Serna, Mário Barata (com outra tese), André Bloch, Raymond Lopez, Meyer Shapiro, Gillo Dorfles, Otl Aicher (com outra tese), Tomás Maldonado e A. Sartoris.

Por fim, foi possível conferir, através da cópia de parte dos Anais do CICA onde consta o texto enviado para o evento de autoria de Lucio Costa, a qual foi cedida por Angélica Madeira, que se tratava do mesmo artigo publicado no livro “Lúcio Costa: sobre arquitetura” e na revista “Habitat”, já referida (fig. 5). São quatro páginas datilografadas com as seguintes informações no cabeçalho: AICA-CE BR-SP-RJ-1959 Doc. 11-p, em que constam, ainda, os seguintes dados: Congresso Extraordinário de Críticos de Arte Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro 17-25 setembro 1959 e o título “A arte e a educação”, relator Lucio Costa. Marcos Faccioli, quando consultado, por telefone, confirmou ter apreciado o texto de Lucio Costa no relatório do CICA, embora não conste esta informação em seu trabalho; reafirmou que o material foi consultado por ele na Biblioteca da Fundação Bienal.

Desenlace

Lucio Costa foi convidado a participar como membro do Comitê de Honra do Congresso, conforme atesta a correspondência abaixo, enviada por Mário Pedrosa em 02 de setembro de 1959 (fig. 9); não compareceu como presidente da sessão de urbanística, cujo encargo ficou, então com o inglês William Holford, conforme também atesta Mário Pedrosa; não apresentou oralmente a sua tese, conforme programação publicada das oito sessões com os títulos e autores das teses relatadas, onde não consta o seu nome (fig. 7); enviou, entretanto, o trabalho intitulado “Arte e Educação” (identificado como Doc. 11-p no relatório do evento), publicado poucos meses depois

¹⁰ CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte: A cidade nova síntese das artes. **Habitat** – Arquitetura e Artes no Brasil, São Paulo, n. 57, nov./dez. 1959.

da realização do Congresso na revista “Habitat”, de número 57, como um “levantamento antecipador dos anais” (fig. 5). Tal texto, como bem recordou Alberto Xavier, e como consta em nota do livro “Lúcio Costa: sôbre arquitetura”, já havia sido apresentado anteriormente com o título “A Crise da Arte Contemporânea”, intervenção verbal feita por Lucio Costa no I Congresso Internacional de Artistas, patrocinado pela UNESCO e realizado em Veneza, em setembro de 1952, publicado em 1953, na revista portuguesa “Arquitectura” (fig. 4).

Resumindo, com os dados de que dispomos, podemos afirmar que Lucio Costa participou do Congresso enviando a tese denominada “Arte e Educação” a respeito da qual trataremos na sequência.

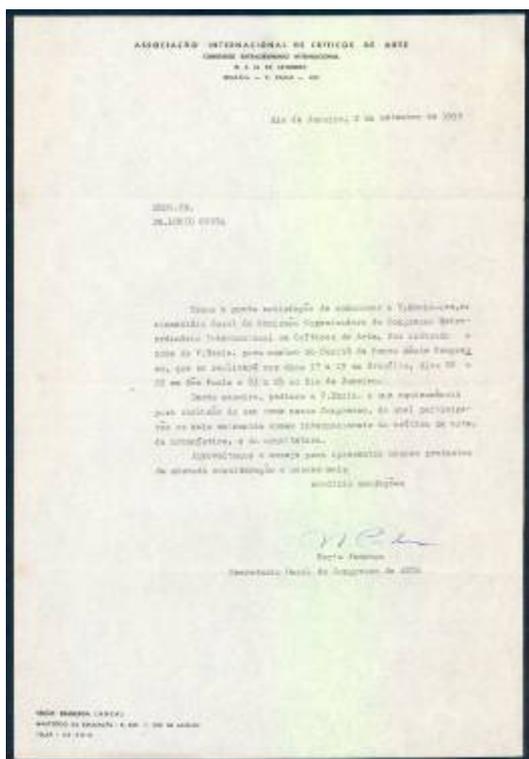


Fig. 9 - Convite de Mario Pedrosa (Secretário Geral do Congresso da AICA), enviado em 02 de setembro de 1959 para Lucio Costa participar como membro do Comitê de Honra do Congresso.

Aqui nos permitimos, em relação às colocações de Xavier, uma única consideração: não existe atuação de Lucio Costa feita “simplesmente”, ou sem intenção. Se o texto enviado foi o mesmo escrito anteriormente para o Congresso em Veneza, é por que considerou que cabia perfeitamente ao caso, e a respeito do tema - arte e educação - estava ali o que tinha de fundamental para dizer, conforme analisaremos a seguir.

O posicionamento de Lucio Costa como participante do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte

Feitas as ponderações sobre a efetiva participação de Lucio Costa no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, podemos, por fim, centrar nossos esforços em procurar

compreender o posicionamento de Lucio Costa como participante do Congresso e refletir a respeito de suas manifestações escritas, tendo como propósito também verificar a atualidade de seu pensamento e ação.

Lucio Costa revela, no texto enviado, suas inquietações a respeito da situação da arte em um período de “afirmação de uma escola¹¹” e de “afirmação de uma hegemonia¹²” da moderna arquitetura brasileira. Não dá para perder de vista que um ano mais tarde se daria a inauguração de Brasília e que havia uma preocupação em relação a de que forma se daria a assimilação pelas massas. Para tanto, propõe “intensificar a inteligência do fenômeno artístico”, não como formadora de novos artistas pois, conforme suas palavras, já existem muitos “mediócras”, mas com o sentido da educação para a apreciação da arte, e é com esse intento que dá a receita. É necessário implantar no Brasil o ensino do desenho desde as primeiras séries até as mais avançadas, expandindo também a cultura artística através de ensinamentos relativos à arte, para colher, no futuro, a apreciação adequada às novas proposições em curso. Isso seria possível, conforme aconselha, através do aproveitamento dos artistas como professores que não mais teriam de viver subvencionados pelo Estado.

E isso não só nas escolas, mas também nas fábricas e nos estaleiros, numa tentativa de fechar a brecha que se fez, em consequência da industrialização, entre o artista e o povo trabalhador. É que, enquanto que outrora o artesão das diferentes especialidades também participava, como os pintores, os escultores e os arquitetos, na elaboração do estilo de sua época, a produção industrial privou o proletário de contribuir com a invenção e a iniciativa inerentes às técnicas manuais do artesanato. Assim, a aparente gratuidade da arte moderna e a relativa margem de autodidatismo, que lhe é própria, podem contribuir efetivamente a uma dupla função social: alimentar esse desejo natural de invenção e de livre escolha, retirado ao artesão, pouco a pouco, à distância que atualmente separa o artista do operário¹³.

A respeito também do ensino do desenho, Lucio Costa já havia, por volta de 1940, desenvolvido uma proposta de revisão curricular solicitada pelo ministro Capanema, a respeito da qual fez o seguinte comentário, quase como uma queixa, quando da revisão de seus escritos publicados na edição fac-símile do livro “Lúcio Costa: sobre arquitetura”: “É incrível como, um quarto de século decorrido, este programa não serviu para nada¹⁴”.

As idéias de Lucio Costa, especialmente aquelas relativas ao ensino do desenho, fazem lembrar aquelas de Rui Barbosa, apresentadas muitos anos antes, em 1882, quando no discurso elaborado para solenidade no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro: “O dia em que o

¹¹ Ver especialmente os capítulos de números 6 e 7. SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

¹² Idem.

¹³ COSTA, Lucio. A crise da Arte Contemporânea (A arte e a educação) In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa: sobre arquitetura**. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 298. A Crise da Arte Contemporânea (A arte e a educação). Intervenção verbal feita por Lucio Costa no I Congresso Internacional de Artistas patrocinado pela UNESCO e realizado em Veneza, setembro de 1952, apreciando as teses relativas à situação da arquitetura no mundo atual. Denomina-se “A arte e a educação” foi apresentado como informe ao Congresso Internacional de Críticos de Arte realizado em setembro de 1959 em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

¹⁴ COSTA, Lucio. Ensino do desenho. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa: sobre arquitetura**. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 160.

desenho e a modelação começarem a fazer parte obrigatória do plano de estudos na vida do ensino nacional, datará o começo da história da indústria e da arte no Brasil¹⁵”. O problema principal, segundo Lucio Costa explicita, é econômico-social, resultante da revolução industrial. Se antes o artesanato participava das mudanças na arte, agora não mais.

A causa fundamental desse mal-estar generalizado é sempre a mesma: a brusca ruptura decorrente da revolução industrial, que, por um lado, criou novos processos de registros, de reprodução e divulgação intensiva das obras de arte, quer se trate de obras musicais, quer plásticas ou literárias, e, por outro lado, revogou a ordem social secularmente estabelecida, criando um público cada vez mais vasto constituído de duas frações desiguais – uma minoria permanentemente em busca de novidades e que pareceria artificialmente superexcitada e mórbida, e uma imensa maioria ainda insuficientemente evoluída e culturalmente incapaz de assimilar as obras mais significativas da arte moderna. Será, pois, forçoso reconhecer que o problema geral que reúne críticos, professores, arquitetos, intelectuais é, antes de tudo, um problema de origem econômico-social, e que, por conseguinte, as soluções lógicas que se poderia ter em vista estão ainda na dependência da solução – qualquer que seja ela – deste problema fundamental¹⁶.

MADEIRA e MORI analisam: “falando como um pedagogo das artes, traz o debate para a necessidade de ampliar às massas a inteligência do fenômeno artístico, para cujo projeto será preciso rever as normas atuais do ensino e da educação primária e secundária, pois que é por aí que se deve começar¹⁷”.

Lucio Costa faz questão de revelar, também, uma distinção importante entre as artes decorativas e as artes industriais, estas últimas, sim, merecedoras de atenção, espaço onde atuariam a maioria dos artistas, mais que aqueles poucos direcionados para a criação artística autônoma, visto que “[...] todos os objetos utilitários que se produzem – dos maiores aos menores – tem forma, tem matéria e cor, e o princípio funcional faz com que sejam suscetíveis de grande depuração plástica, o que em essência os aproxima da arquitetura¹⁸”.

Essas idéias recordam, igualmente, aquelas desenvolvidas no período do entre-guerras na Alemanha, especialmente na Bauhaus, sob a direção de Walter Gropius, quando foram produzidos protótipos de uma infinidade de objetos utilitários, dentro do espírito apontado por Lucio Costa, os quais, depois, foram disseminados pela indústria.

Para que se alcance a síntese das artes, ou como ajuíza ser o mais adequado, integração das artes, ou, por vezes, mesmo a comunhão, é necessário que estudantes de arquitetura desenvolvam sua sensibilidade artística e que pintores e escultores percebam a arquitetura não como “pano de fundo” ou “fusão um tanto cenográfica das artes”.

¹⁵ BARBOSA, Rui. **Desenho**: um revolucionador de idéias [120 anos do discurso brasileiro]. Santa Maria: sDHDs, 2004. p. 20.

¹⁶ COSTA, Lucio. A crise da Arte Contemporânea (A arte e a educação) In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 298.

¹⁷ MADEIRA, Angélica; MORI, Cecília. Nota de Pesquisa 1: a itinerância dos artistas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/angelica/criticosarte.pdf>. Acesso em: mai. 2009.

¹⁸ COSTA, op. Cit, p. 300.

[...] o importante para que a comunhão se estabeleça é que a própria arquitetura seja concebida e executada com consciência plástica, isto é, que o próprio arquiteto seja artista. Porque só assim a obra plástica do pintor e do escultor poderá integrar-se no conjunto da composição arquitetural como um de seus elementos constitutivos, embora dotada de um valor plástico intrínseco autônomo¹⁹.

Os posicionamentos de Lucio Costa a respeito da arte e a educação suscitaram questões que apresentamos e desenvolvemos a seguir, evidentemente não com o propósito de resolvê-las, trata-se apenas de um primeiro esforço, auxiliado pelas idéias do autor, de pensar a nossa condição contemporânea relacionada ao tema e ao seu enfrentamento.

Integrar as artes e intensificar o conhecimento do fenômeno artístico caberia como enfrentamento para a condição atual em que a crise artística está instalada?

É fato que a disseminação do ensino do desenho nas escolas e fábricas brasileiras, como sugeriu o mestre, não se deu. Muito pelo contrário, se o ensino do desenho desapareceu das séries iniciais, das outras, mais ainda. Professores artistas não foram contratados para lecionar, e muito menos se intensificou a educação para apreciar a arte como pretendia Lucio Costa. O que se vê hoje é que as pessoas não ficaram aguardando estas ou outras medidas. Simplesmente deixaram que a arte atuasse como forma de “manifestação normal da vida”, usando uma expressão de Lucio Costa. As massas tornaram visíveis as suas concepções estéticas, assumindo o vazio deixado pela manifestação anterior e criando sua própria forma de expressão amparada pelos recursos multimeios.

Acaso as nossas cidades não foram inundadas por grafites e pichações, pinturas em *spray* em locais públicos, que tomaram conta das paredes e muros? Os muros que perderam destaque na arquitetura moderna de Lucio Costa, arquitetura esta que, como afirmou, “pode até dispensar muros; é formada de uma estrutura com divisões montadas posteriormente²⁰”, poderíamos pensar livremente, migraram de dentro dos edifícios para fora deles e viraram suporte para manifestações artísticas de toda a ordem, ou, quem sabe, da desordem.

A chamada “artes plásticas” no Brasil, como entendida em 1959, era outra, muitíssimo diferente, ainda muito expressa através da pintura, escultura, gravura e outras formas que ganharam espaço, como revelou Mário Pedrosa a respeito da participação brasileira na II Bienal Internacional de Artes de São Paulo (1953-54): “Está na moda a pintura mural. Portinari, Di Cavalcanti, Clóvis Graciano entre outros monopolizam as paredes de São Paulo²¹”. A partir da década de 1970 e ainda hoje, é mais um híbrido, chamado de instalação, que utiliza novos sistemas e meios para promover uma interação entre obra e espectador e que prima mais pelo

¹⁹ COSTA, Lucio. A crise da Arte Contemporânea (A arte e a educação) In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 301.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ AMARAL, Aracy A (Org.). **Mário Pedrosa**: dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 53.

conceitual do que pelo plástico. A instalação por vezes parece fazer um pouco de tudo, e não faz nada, inclusive pelo seu caráter efêmero, tão diferente da perenidade da arquitetura, assim como acontece na chamada videoarte, realizada desde os anos 1980, onde os meios tecnológicos passaram a interferir.

Na música ficam ainda mais evidentes as diferenças. Perdeu-se a melodia. A harmonia não tem mais vez. O ritmo reina nos dias de hoje e a letra ganhou evidência de outra maneira, mais discursiva e muito menos poética – uma prosa mais ritmada. A Celi Campelo, que cantava “Estúpido Cupido”, o maior sucesso das paradas de 1959, ou ainda para não deixar de mencionar a vanguarda da época - a bossa nova, deram lugar ao FLO Rida com a participação de T. Paim com o rap Low, que estourou em 2008. Acaso não estão aí as manifestações musicais de diferentes “tribos”? E o carnaval? Uma operística teatral grandiosa que pára um país inteiro e congrega milhares de pessoas.

Mas, e se tal tivesse se dado, se os desejos de Lucio Costa tivessem se concretizado? Parece também que a arte hoje emerge de baixo para cima – vinda das massas. Que tipo de artista/professor seria plenamente aceito em nossas escolas? Tudo indica que não estamos preparados para a desarmonia. Se já foi complicado aceitar a nova ordem da arquitetura moderna brasileira de 1959, como podemos esperar resultados hoje em dia? De qualquer forma, como reflexão, não devemos esquecer que a arquitetura, como bem nos ensinou Lucio Costa, “depende ainda, necessariamente, da época da sua ocorrência”. É preciso compreender o nosso tempo para dar às antigas questões novas respostas, também no campo da arquitetura. “Arquitetura como construção concebida com a intenção de ordenar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa²²”.

²² XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 204

Referências:

AMARAL, Aracy A. (Org.). **Mario Pedrosa**: dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Perspectiva, 1981. (Coleção Debates 170)

BARBOSA, Rui. **Desenho**: um revolucionador de idéias [120 anos do discurso brasileiro]. Santa Maria: sDHDs, 2004.

COMAS, Carlos Eduardo Dias; ALMEIDA, Marcos. Brasília quadragenária: a paixão de uma monumentalidade nova. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 9, 2006, São Paulo. **Anais do IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Paulo: 2006.

CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte: A cidade nova síntese das artes. **Habitat** – Arquitetura e Artes no Brasil, São Paulo, n. 57, nov./dez. 1959.

CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte: A cidade nova síntese das artes. **Habitat** – Arquitetura e Artes no Brasil, São Paulo n. 58, jan./fev. 1959.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa**: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COSTA, Lucio. O arquiteto e a sociedade contemporânea. In: COSTA, Lucio. **Lucio Costa**: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 268 - 275.

COSTA, Lucio. Saudação aos críticos de arte. In: COSTA, Lucio. **Lucio Costa**: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 298 - 299.

COSTA, Lucio. A crise da Arte Contemporânea (A arte e a educação) In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 298-304.

COSTA, Lucio. Ensino do desenho. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. Fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007. p. 129-160.

COSTA, Lucio. A arte e a educação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE, 1959, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. **Anais...** Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro: 1959. mimeo, transcrição por Mário Pedrosa.

FACCIOLI GABRIEL, Marcos. SCHAPIRO, Meyer. A síntese das artes na cidade nova. **Novos Estudos CEBRAP**, n.70, p.155-175, nov.2004. Disponível em: http://www.cebrap.org/imagens/Arquivos/a_sintese_das-artes.pdf Acesso em: mai 2009

MADEIRA, Angélica; MORI, Cecília. Nota de Pesquisa 1: a itinerância dos artistas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/angelica/criticosarte.pdf>. Acesso em: mai. 2009.

PEVSNER, Nikolaus. O Renascimento da Arte Industrial e a formação do artista na atualidade. In: PEVSNER, Nikolaus. **Academias de Arte**: passado e presente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

XAVIER, Alberto (Org.). **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Ed. fac-sim coordenada por Anna Paula Canez. Porto Alegre: UniRitter, 2007.